

A Construção da Biografia como Gênero no Jornalismo a Partir da Perspectiva de Jornalistas-Biógrafos Brasileiros¹

Felipe Adam²

Karine Moura Vieira³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS
Centro Universitário Internacional, Curitiba, PR

RESUMO

O presente resumo se propõe a discutir a biografia (Dosse, 2015) como gênero jornalístico, na perspectiva da autoria, por meio da entrevista conjunto de entrevistas realizadas com 20 jornalistas-biógrafos (as) (Vieira, 2015; Adam, 2024), realizadas entre os anos de 2013 e 2023. Além da apropriação da biografia por esses jornalistas, como experiência narrativa da grande reportagem (Vieira, 2011), compreende-se essa constituição de gênero no desenvolvimento de uma “episteme biográfica”.

PALAVRAS-CHAVE: biografias; história da biografia; gênero jornalístico; memória; jornalistas.

CORPO DO TEXTO

Embora a biografia seja classificada como um gênero híbrido (Dosse, 2015), com influências tensionadas por conhecimentos das grandes áreas das Ciências Sociais, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e Linguística, é fato afirmar que ela tem início no campo da História. Documentos da Antiguidade apontam a necessidade da fabricação de heróis bem como a preocupação de reis, imperadores, militares e demais líderes políticos em registrar para posteridade as glórias do reino, as vitórias em batalhas, as conquistas territoriais e o legado civilizatório.

Toma-se como modelo o general romano, Caio Júlio César. Antes do tempo de Cristo, o militar já se preocupava em registrar as façanhas dos seus exércitos. Segundo Hohlfeldt (2002), à medida que as conquistas ocorriam, Júlio César documentava os acontecimentos para a posteridade, a partir de uma maneira peculiar, a primeira pessoa enfática, na qual acentua “[...] o uso da primeira pessoa do plural, ainda que se referindo

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho “Jornalismo Literário, livro-reportagem e a produção de narrativas biográficas”, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Jornalista e doutor em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Investigou as biografias publicadas no mercado editorial brasileiro, além de ter identificado a contribuição das mulheres jornalistas enquanto jornalistas-biógrafas. E-mail: felipeadam91@gmail.com.

³ Jornalista e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), com período de doutorado-sanduíche no departamento de Mídias, Comunicação e Cultura da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), na Espanha. Pesquisou a aproximação do gênero biográfico com o Jornalismo tanto no mestrado quanto no doutorado. E-mail: karinemourav@gmail.com.

apenas e unicamente a uma só pessoa. Ou seja, o *eu* singular, comum a uma narrativa autobiográfica, é substituído pelo *nós* que enfatiza e, no caso de Caio Júlio, frisa a realza de que ele se achava investido” (Hohlfeldt, 2002, p. 81).

A imagem do monarca Luís XIV é um outro bom exemplo (Burke, 2009). Personagem do Absolutismo francês e detentor da alcunha Rei Sol, Luís XIV reinou na França por mais de sete décadas. Após sua morte, em 1715, mas por sua causa, o significado da palavra *herói* seria alterado: ao invés da referência mitológica, a palavra seria diluída no meio social: “Desde o Século das Luzes, ele toma uma nova acepção e o *herói* passa a ser simples *personagem* de uma narrativa. Fica, até certo ponto, banalizado. [...] As Luzes cederão espaço a outra noção, que aos poucos irá substituir a do herói: trata-se do *grande homem*” (Dosse, 2015, p. 161). E quem serão as pessoas cujo exemplo serão lembradas no futuro como grandes homens? Como Halbwachs (1990) ensina, a sociedade recorda daquilo que a permitem lembrar: “[A] lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (Halbwachs, 1990, p. 71-72). Essa autorização implica na produção de memórias coletivas, onde a luta da lembrança e o esquecimento se torna um campo fértil para a disputas de significados.

Neste trabalho, propomos um olhar para a construção do biografismo no Brasil, com um protagonismo dos jornalistas no ofício da produção, observando dois momentos históricos de produção, entre 1930 e 1960 e 1980 até os dias de hoje. Assim, volta-se ao século XX, em um período em que uma escola da escrita de vida se desenvolvia “autorizada” pela História, entre a arte e a ciência, entre o romance e o memorialismo, ainda arraigada à tradição do século XIX (Vieira, 2015, 76).

Durante o período ditatorial do Estado Novo (1937-1945), o governo de Getúlio Vargas abusou do nacionalismo e isso repercutiu na formação cultural. Datam desse tempo as obras laudatórias *A vida de Carlos Gomes* (A Noite, 1937), de Ítala Gomes Vaz de Carvalho; *Santos Dumont* (Vecchi, 1940), escrito por Gondin da Fonseca; *A princesa Isabel: A redentora* (Nacional, 1941), de Pedro Calmon; *A vida de Rui Barbosa* (Nacional, 1941), assinado por Luiz Viana Filho. Raimundo Magalhães Jr. marcou esse período de efervescência do biografismo brasileiro como jornalista-biógrafo, com 17

livros sobre personalidades da política, das artes, da cultura brasileira, como Machado de Assis, Cruz e Sousa e Artur Azevedo.

Após a ditadura militar brasileira, época que compreende de 1964 a 1985, o ambiente repressivo deu espaço à liberdade de publicações, em especial, aqueles que decidiram compartilhar as memórias de resistência frente ao regime. Nesse cenário, a produção autoral de biografias se tornou um campo também de atuação profícuo para jornalistas. Para isso, leva-se em consideração o livro *Morte no paraíso: A tragédia de Stefan Zweig* (Nova Fronteira, 1981), assinado por Alberto Dines e, em seguida, a publicação de *Olga* (Alfa-Ômega, 1985) e *Furacão Elis* (Nórdica, 1985), escritos por Fernando Morais e Regina Echeverria, respectivamente.

A partir dos anos 1990, o campo biográfico se torna um nicho ainda mais delimitado, com catálogos específicos ofertados pelo mercado editorial e, por consequência, aceitação do público-leitor e um protagonismo de jornalista, com a publicação de obras que se tornaram referências, para leitores e uma nova geração de jornalistas-biógrafos, como *O Anjo Pornográfico* (Companhia das Letras, 1992), de Ruy Castro, e *Chatô, o Rei do Brasil* (Companhia das Letras, 1994), escrito por Fernando Morais. Ao longo de quase trinta anos, uma geração de jornalistas brasileiros vem consolidando a biografia como um gênero também no jornalismo, como mais um viés de composição para o hibridismo que constitui o gênero clássico, mas transversal na evolução.

Além da apropriação da biografia por esses jornalistas, como experiência narrativa da grande reportagem (Vieira, 2011) - apuração, uso e tratamento de fontes, a processualidade dos critérios de noticiabilidade, valores-notícia, bem como as estratégias narrativas empregadas -, compreende-se essa constituição de gênero no desenvolvimento de uma “episteme biográfica” (Vieira, 2012) na processualidade de um conhecimento sobre esse fazer, na posição de autoria dos mesmos, como repórteres em um projeto de investigação biográfica. A partir do conjunto de entrevistas realizadas com 20 jornalistas-biógrafos(as) (Vieira, 2015; Adam, 2024), realizadas entre os anos de 2013 e 2023, propõe-se refletir sobre a biografia como gênero jornalístico, na perspectiva da autoria (Bakhtin, 1992; Barthes, 1968; Eco, 1994; Foucault, 2001; Maingueneau, 2010), dos sujeitos que operam, compreendendo que discurso de si desses autores conforma um solo

epistemológico (Marocco, 2012) no qual é possível pensar sobre detalhes da carpintaria da prática dos gênero no campo jornalístico.

REFERÊNCIAS

ADAM, F. **Quando as jornalistas assumem o protagonismo: memória do gênero biográfico brasileiro pela ótica feminina (1990-2020)**, 2024. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/11140>. Acesso em 26 abr. 2024.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1968.

BURKE, P. **A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

DOSSE, F. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2015.

ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos: estética – literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOHLFELDT, A. As origens antigas: a comunicação e as civilizações. In: HOHLFELDT, A; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Orgs.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2002. pp. 61-98.

MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise de discurso**. São Paulo: Parábola, 2010.

MAROCCO, B. Entrevista como dispositivo de revelação do saber jornalístico. In: MAROCCO, B. (org.). **Entrevista: na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libre-tos, 2012.

VIEIRA, K. **O desafio de narrar uma vida: crítica genética no estudo da biografia com gênero jornalístico**. Porto Alegre. Fabico/UFRGS, 2011.

VIEIRA, K. Para uma episteme da biografia: uma reflexão sobre os atravessamentos epistemológicos do biográfico e seu lugar no jornalismo. In: MALDONADO, A. E. *et al* (Org.) **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul: UNIDAVI, 2012.

VIEIRA, K. **Do fazer um saber - a construção do biografar: o discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros**, 2015. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4993>. Acesso em 26 abr. 2024.